

A LEITURA PARA OS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL: ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DE LEITURA E DA FORMAÇÃO DE LEITORES

Tatiana Lopes Salciotto

Analizamos as representações feitas por alunos do Ensino Fundamental do que seja a produção de leitura, visando refletir sobre a importância dada para a leitura no ambiente escolar e em outros momentos.

Para isso, selecionamos alunos da rede pública do Estado de São Paulo da cidade de Leme (sete salas), que no início de março de 2005 participam do projeto “Hora da leitura”.

Neste momento, analisamos a questão da leitura a partir de textos elaborados pelos alunos sobre o que eles pensam da leitura (gostam ou não gostam de ler?). A maioria coloca a relevância da leitura em diversos aspectos (passatempo, esquecer os problemas, etc), mas o que fica marcante é o aspecto instrumental da leitura (para aprender, escrever melhor, ler placas).

Esses alunos afirmam gostar de ler gibis, revistas de novela, horóscopo, leituras que não são consideradas textos clássicos. Verificamos que a escola não faz parte da formação desses leitores.

Outro aspecto, é o posicionamento de alguns alunos que colocam a leitura como uma atividade eminentemente da escola. São alunos que dizem não gostar de ler, pois associam a leitura, com a leitura em voz alta para avaliação (leitura da palavra) e não interpretar textos (leitura do mundo). O que podemos concluir, a partir dessas representações, é de que a questão da formação de leitores na escola é algo muito complexo, pois precisamos refletir na formação desses leitores e no papel do professor como orientador.

Orientar os alunos que apresentam uma história de fracasso escolar mais acentuada e também orientar aqueles alunos leitores para novos desafios (a descoberta dos clássicos, tanto os considerados eruditos e os populares), para que assim possamos contribuir para a formação de uma visão crítica do mundo, visando a leitura do mundo e também apresentar a oportunidade de um desenvolvimento cultural e filosófico.

A REVISÃO TEXTUAL: O TRABALHO DO SUJEITO AUTOR E LEITOR

Sandra Batista da Costa (PUC-PR)

O presente trabalho busca analisar as estratégias de revisão utilizadas por estudantes universitários no processo de constituição de habilidades textuais. Ao acompanhar uma turma do 1º

ano de Letras da PUC-PR, em atividades de escrita e de (re)construção textual, durante um ano, foi verificado que o professor fazia correções e recomendações nos textos dos alunos afim de que eles realizassem a revisão. Embora a reelaboração textual fosse efetivada pelos aprendizes, observou-se que eles pareciam ser leitores das correções e recomendações e pouco se colocavam como leitores e revisores de seu próprio texto. Diante desse problema, verificou-se que a revisão tem um papel significativo na apropriação de habilidades textuais. Para examinar esse pressuposto, foram coletadas escritas e reescritas (resumos, resenhas e artigos) produzidas, durante dois semestres, em sala de aula. Procurou-se analisar na revisão efetuada pelos alunos as marcas que caracterizavam as mudanças na construção discursiva para buscar compreender e avaliar melhor o trabalho de (re)construção deixado pelos sujeitos na escrita.

AVALIAÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA NA CLÍNICA FONOAUDIOLÓGICA

Laise Brandão Nogueira Borges

Esta pesquisa busca refletir sobre os diferentes processos de avaliação de linguagem escrita na clínica fonoaudiológica partindo de uma análise crítica do Exame de Linguagem TIPITI e propondo um processo avaliativo com base na utilização de dados naturalísticos presentes na escrita espontânea do sujeito. A clínica fonoaudiológica sempre foi orientada por uma teoria lingüística como condição necessária para seu fazer clínico - terapêutico. Dentro desse contexto nosso objetivo é criar um campo de discussão sobre os processos de avaliação da escrita e como eles interferem na noção de linguagem, sujeito e conseqüentemente na determinação do estado patológico sobre a linguagem escrita. Como caminho escolhemos, num primeiro momento, fazer uma análise crítica do exame TIPITI sobre linguagem escrita aplicado na nossa prática clínica no período de 1985 a 1995. Com esses dados, procuramos no momento seguinte, fazer um diálogo com o processo atual que utilizamos nas avaliações da linguagem escrita sustentado nos dados naturalísticos da escrita espontânea do sujeito com queixa de alterações na manifestação da linguagem escrita. Apontamos para uma outra dimensão da clínica fonoaudiológica sobre linguagem escrita com base na mudança de sustentação teórica ao optarmos pela dimensão dialógico-discursiva. Pudemos observar que ao conferirmos uma análise padronizada da escrita, como é indicada no exame TIPITI, a noção de sujeito está marcada pela idealização e a escrita passa a ser projetada como produto da escolarização e não como modalidade de linguagem. A base lingüística é formalista priorizando a escrita como sistema. Os dados idiossincráticos e singulares são concebidos como erros e o processo de autoria presente no texto não é considerado. Já quando assumimos uma proposta dialógico-discursiva a linguagem escrita é vista como uma modalidade de linguagem na qual o sujeito escrevente apresenta marcas muito singulares da sua relação com a escrita.

COMPREENSÃO EM LEITURA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA: UMA INTERAÇÃO ENTRE O DISCURSO DO TEXTO E OS PROCESSOS COGNITIVOS E AFETIVOS DO LEITOR

Alessandra Montera Rotta (USP)

A leitura em língua estrangeira deve favorecer diretamente o leitor em seus processos de elaboração e construção de sentido. O aspecto lingüístico acaba assumindo importância superior nesse processo, porque os alunos-leitores preocupam-se demasiadamente com a decodificação do vocabulário desconhecido, deixando de lado o aspecto discursivo. Todo texto é estruturado de forma discursiva porque tem uma intenção de significação que quer agir sobre um leitor que constrói representações de sentido para sua leitura. Há, portanto, uma interação entre os planos discursivos e cognitivos. Os leitores de língua estrangeira devem aprender a desenvolver suas

habilidades de compreensão e a utilizar estratégias metacognitivas e cognitivas que o auxiliem a objetivar suas experiências de leitura. É necessário igualmente reconhecer que o leitor reage afetivamente sobre aquilo que lê, e portanto, suas emoções devem ser levadas em conta. Existem muitos e variados modos de leitura, tanto quanto diferentes leitores com experiências e histórias de leituras. Ao ativarem seus esquemas mentais, os leitores são capazes de fazer relações entre seus conhecimentos de mundo anteriores, os elementos textuais e as informações apresentadas no texto, chegado, dessa forma, à compreensão em leitura.

CONVENÇÃO ORTOGRÁFICA E DESEMPENHO LINGÜÍSTICO - UM ESTUDO DOS DESVIOS ENCONTRADOS EM PRODUÇÕES DE VESTIBULANDOS

Jacy Marcondes Duarte (UNISA)

Este trabalho se insere no conjunto de estudos que estamos desenvolvendo relativamente à caracterização da produção escrita dos ingressantes nos cursos oferecidos pela Instituição de Ensino a que estamos vinculados, com vistas a delinear estratégias de intervenção pedagógica, uma vez que o não-domínio da norma padrão escrita tem se configurado como um fator importante para o insucesso do aluno. Analisamos um total de 296 redações de vestibulandos, escolhidas aleatoriamente, dos diversos cursos oferecidos pela Universidade, com o objetivo de procedermos a um estudo qualitativo dos desvios. Os resultados mostram problemas relacionados ao uso de dígrafos (como o 'sc'), ao da multiplicidade de grafemas (como 's' e 'z'), à não distinção entre o 'am' e o 'ão' do final dos verbos, à tendência à hipercorreção, entre muitos outros. Tais resultados nos possibilitam, por um lado, uma reflexão sobre a escola pública (da qual a grande maioria dos nossos vestibulandos é egressa), que estaria falhando não só quanto ao ensino prescritivo da língua, como ao próprio ensino produtivo (conforme a terminologia de Halliday) uma vez que a escrita é a aquisição de uma nova habilidade. Por outro lado, parece-nos que a questão da ortografia está a merecer análises dos especialistas, com vistas a reformas que, embora não possam anular a distância entre as duas modalidades, ao menos contribuam para que o domínio das convenções ortográficas não seja uma tarefa tão complexa.

ENSINO DE LEITURA EM LÍNGUA INGLESA: UM OLHAR SOB A PERSPECTIVA DO LETRAMENTO CRÍTICO

Táise Figueira Motta (USP)

Esta pesquisa tem como objetivo investigar como é realizado o ensino de leitura em língua inglesa no ensino formal, focalizando o contexto da sala de aula das escolas pública e privada. A partir de um arcabouço teórico embasado em concepções contemporâneas sobre a linguagem, desenvolvidas por teorias pós-estruturalistas, deslocamos nosso olhar para as práticas de leitura. Adotamos os instrumentos e técnicas etnográficas na coleta e seleção de dados, interpretando-os à luz do letramento crítico. Esta abordagem sobre a linguagem nos auxilia no entendimento de como os textos constroem o mundo e as identidades e de como os discursos operam nas instituições sociais. Dentro dessa perspectiva, analisamos o modo como a ideologia e as práticas textuais moldam a representação da realidade. Segundo essa visão, os textos são representações da realidade construídas socialmente e, sendo construções sociais, podem ser rejeitadas ou reconstruídas, de acordo com a experiência do leitor no mundo.

O ENSINO DE GRAMÁTICA NA ESCOLA: UMA NOVA EMBALAGEM PARA UM ANTIGO PRODUTO

Juliano Desiderato Antonio (UEM), Michel Platiny Assis Navarro (UEM)

Neste trabalho, analisam-se concepções de gramática e conceitos de tópicos gramaticais coletados junto a professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental em Maringá, Paraná.

Embora confessem concepções de linguagem que privilegiam a comunicação e a interação, a grande maioria dos professores que participaram da pesquisa vêem a gramática como um compartimento estanque, separado da interpretação e da produção de textos. Predominam em suas aulas atividades de classificação, de análise sintática e de repetição de modelos, maqueadas pela chamada “gramática contextualizada”, encontrada em muitos livros didáticos. A apresentação desses materiais é “moderna”, com diversos tipos de textos, como quadrinhos, anúncios publicitários, letras de músicas, etc., mas a análise é feita a partir de elementos ou orações destacados do texto, e não da função que esses elementos e orações exercem no texto. Além disso, conceitos de tópicos gramaticais são transmitidos de forma equivocada pelos professores. No trabalho, além da análise das respostas dos professores ao questionário, apresentam-se, também, propostas do funcionalismo para o trabalho em sala de aula com os tópicos gramaticais pesquisados. Ao final, propõe-se, como uma tentativa de solucionar esse problema, que os cursos de Letras incluam em seus currículos um modelo de gramática que privilegie a reflexão sobre a função dos elementos lingüísticos na comunicação.

O ENSINO DE PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

Nilsa Teresinha Reichert Barin

Um povo expressa o que pensa através de sua língua, porque está impregnada de valores, cultura, consciência e identidade de uma nação. O Projeto Ensino de Português para estrangeiros têm êxito no curso de Letras e aval da Instituição há mais de uma década e se justifica à medida que divulga o pensamento sócio-lingüístico brasileiro a alunos provenientes de países de culturas e línguas diferentes que buscam, em oportunidades como a desse projeto, a ampliação de seus conhecimentos interculturais e lingüísticos.